

QUESTÕES DE GÊNERO NA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA E A DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL¹

Matheus Furtado Matos,

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

Rodrigo Lema Del Rio Martins,

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

RESUMO

Analisa as questões de gênero que perpassam a formação de professores homens de Educação Física que atuam na Educação Infantil. Trata-se de uma pesquisa descritivo-interpretativa, na qual dialogamos com 11 docentes. Os dados indicam a necessidade de avançarmos nessa discussão no âmbito da formação inicial e continuada, como forma de superar a ideia de Educação Infantil como espaço-tempo do cuidar assistencial e de fortalecer a participação da Educação Física nessa etapa.

PALAVRAS-CHAVE: gênero; educação física; educação infantil.

INTRODUÇÃO

A relação da Educação Física (EF) com a Educação Infantil (EI) vem se estabelecendo por diferentes maneiras. Embora a primeira etapa da Educação Básica não se organize no formato disciplinar, a presença de professores com formação em EF vem crescendo, especialmente na última década (MARTINS, 2018).

A EI tem se caracterizado historicamente como um campo de atuação profissional predominantemente feminino, conforme indicam os dados do Inep (2020).² Por outro lado, Martins e Mello (2019) apontam que a EF tem se configurado como uma “porta de entrada” para a presença de homens na primeira etapa da educação básica. Os autores também destacam a necessidade de estudos que discutam o modo como essa presença está se constituindo, devido a incipiência de pesquisas com foco nas questões de gênero.

A partir desse cenário, o objetivo deste texto é analisar a presença masculina de professores de EF na EI no contexto do Rio de Janeiro, mais especificamente, examinar de

¹ O presente trabalho contou com apoio financeiro do CNPq (nº 143494/2020-1) para sua realização.

² Isso se deve a uma representação social de EI assistencialista, aliado a uma representação machista de que cabe às mulheres o papel social dos cuidados com crianças pequenas. A despeito disso, a dimensão educativa exige uma compreensão mais abrangente da atuação profissional nesse contexto.

modo crítico as questões formativas que impactam essa relação com base nas narrativas dos docentes.

Consideramos que este estudo tem o potencial de contribuir com a revisão de um pensamento arraigado de que se trata de uma etapa da educação básica destinada aos cuidados maternos, a ser ocupado, portanto, apenas por mulheres, bem como auxilia na afirmação pedagógica da EF nesse contexto, que ainda busca o seu lugar na EI (MARTINS, 2018).

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa do tipo descritivo-interpretativa (THOMAS; NELSON, 2002). Para tanto, dialogamos com 11 docentes do sexo masculino com formação em EF que atuam na EI pública municipal do Rio de Janeiro, sendo um de cada Coordenadoria Regional de Ensino. Todos se dispuseram a colaborar respondendo, no ano de 2021, a um questionário que continha cinco perguntas.³

Neste trabalho, devido aos seus limites, optamos por examinar as respostas oferecidas a seguinte pergunta: Na sua formação acadêmica houve alguma discussão sobre gênero, focalizando à docência especificamente, que considera relevante para a sua atuação profissional com a EI? A análise dos dados se deu por meio da articulação entre a literatura acadêmica que aborda o debate de gênero na docência e aquela que tematiza a EF e a EI.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os sujeitos que participaram da pesquisa têm faixa etária de 34 a 59 anos de idade, média de experiência profissional no magistério de 24 anos e de atuação específica na EI de 12 anos. Dos 11 docentes, 7 se formaram em Universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro e os outros 4 em instituições privadas de ensino superior. Todos relataram ter cursado pelo menos a especialização.

O perfil dos respondentes indica um grupo muito experiente no magistério e com a EI. Destacamos positivamente esse fato, pois representa um conjunto de profissionais que possui uma trajetória grande encarando os desafios da docência, favorecendo-os a emitir opiniões e compreensões apuradas sobre as suas vivências formativas e laborais.

³ Trata-se de uma investigação mais ampla, que visa compreender as questões de gênero que cercam a docência masculina no contexto da EI. Aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas com seres humanos da UFRJ, sob o parecer de nº 1058/2020.

Alguns docentes se limitaram a responder negativamente a essa pergunta, sem apresentar mais elementos a esse respeito: “Não” (PROFESSOR 7). “Que me lembre, não” (PROFESSOR 11). Contudo, outros, mesmo afirmando que essa discussão não esteve presente na sua graduação, fizeram questão de pontuar o impacto dessa lacuna na formação e o modo como lidaram com ela:

Não, nada que tenha me mobilizado neste sentido. Minha atuação com as crianças pequenas tem relação com a paternidade (PROFESSOR 1).

Discussão alguma, pois na época [me formei em 1987] sequer ouvíamos qualquer coisa a respeito. Todas as minhas convicções e ideais foram construídos, e ainda continuam sendo formados, ao longo do meu convívio com os alunos, sobretudo os das classes trabalhadoras (PROFESSOR 2).

Na formação inicial, não. Busquei outros estudos e formações após formado, inclusive uma especialização em gênero e sexualidade (PROFESSOR 5).

Não houve discussão de gênero, na minha formação acadêmica e com isso tem que se aprender na prática (PROFESSOR 6).

A ausência de discussões sobre gênero na formação inicial em EF ainda é um grande desafio. Segundo Deive *et al.* (2011), este é um assunto que precisa ser mais abordado e qualificado, embora reconheça que venha ganhando corpo nos currículos de licenciatura em EF mais recentemente. Portanto, professores graduados há muito tempo tiveram pouco contato com esse debate, como é o caso dos nossos sujeitos. A EF passou por uma reformulação curricular com a formação direcionada às demandas específicas do campo de atuação profissional do Bacharelado e da Licenciatura (BRASIL, 2004). Esse fato permitiu aprofundar questões sensíveis ao magistério, entre elas, àquelas relativas a gênero. Portanto, a partir de 2010, aproximadamente, é que começam a serem graduados os primeiros professores oriundos dessa mudança, ou seja, os mais jovens.

O Professor 5 relata a necessidade de buscar aprimorar-se por meio da formação continuada direcionada. Martins (2018) afirma que esse é um caminho imprescindível, pois a formação inicial em EF é incipiente no tocante as especificidades que cercam o trabalho pedagógico com a EI. Os Professores 2 e 6, por sua vez, apontam que essa lacuna tem sido preenchida a partir das experiências práticas, do convívio com os alunos. Em certa medida, informam que as relações que estabelecem com as crianças, com os demais profissionais da escola e com os familiares moldam as suas percepções sobre essa questão.

A resposta dada pelo Professor 1: “[...] Minha atuação com as crianças pequenas tem relação com a paternidade” denota uma representação social muito comum acerca da presença masculina na EI. Louro (1998) explica que a predominância feminina na educação guarda relação direta com a divisão dos papéis sociais e sexual entre homens e mulheres no mundo do trabalho. Essa lógica é reforçada por Sayão (1999), quando a autora afirma que a inserção da EF na EI em Florianópolis se deu, justamente, para promover a figura masculina junto às crianças pequenas das unidades públicas. Nessa direção, Martins, Souza e Mello (2020, p. 463) asseguram que “[...] a participação de homens é credenciada como uma forma de suprir uma suposta ausência de referência masculina/paterna na vida de crianças”. Aceitar essa premissa abre margem para a naturalização dos papéis sociais distintos, que ainda são enraizados no “machismo estrutural”, bem como pode nos levar a enfraquecer a luta por afirmação nesse espaço, pois as “noções hegemônicas de masculinidade” se mostram incompatíveis com o trabalho pedagógico realizado por homens nessa etapa da escolarização (MONTEIRO; ALTMAN, 2014).

Falas nessa direção também foram registradas entre professores que afirmam terem tido contato com tais discussões na formação inicial:

Na minha formação acadêmica houve diálogos tematizando que o homem na educação infantil seria a referência masculina na escola. Tal posicionamento, se fosse uma ‘verdade’, inviabilizaria e/ou dificultaria a atuação de professoras de educação física com esse segmento (PROFESSOR 8).

Esse excerto sugere que a formação inicial por si só não é suficiente para dar conta da complexidade que envolve a docência na EI, pois ela pode partir de concepções que reforçam estigmas e noções hegemônicas, ao invés de problematizá-los.

Entre os docentes que afirmam terem se apropriado do debate de gênero na graduação, mencionam que a pós-graduação também se constituiu como um espaço-tempo formativo, sendo ambos relevantes para uma compreensão mais consistente:

Sim, e com direcionamento em conseguir admirar um trabalho onde não importa o sexo e sim a forma como devemos conduzir o desenvolvimento da criança (PROFESSOR 3).

Sim, porém com uma maior relevância na pós-graduação (PROFESSOR 4).

Tanto na graduação quanto na especialização tive esse debate (PROFESSOR 11).



Em nossa avaliação é positivo o fato de o debate sobre gênero estar presente na formação docente inicial e continuada, pois as representações sociais, os dilemas e as potencialidades que cercam a presença masculina da EF na EI precisa ser melhor problematizado, sobretudo, naqueles relacionados à docência (MARTINS; MELLO, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados apontam que o debate sobre as questões de gênero, mais especificamente as que focalizam à docência masculina da EF com a EI, precisam avançar em termos de formação inicial e continuada. Alguns docentes tiveram a oportunidade de dialogar sobre tais questões ainda na graduação enquanto outros somente na pós-graduação.

Foi possível perceber que a prática cotidiana na interlocução com as crianças, com profissionais e com familiares têm se constituído também como uma forma de aprender a lidar com os desafios da docência masculina em um universo predominantemente feminino. Esse contexto tão peculiar exige de os professores compreender o cenário histórico e atual que impacta nas representações sociais acerca da EI e dos papéis que homens e mulheres cumprem na sociedade como um todo e na educação de crianças pequenas. Com efeito, faz emergir uma certa tensão entre a figura masculina-paterna e feminina-materna.

Superar essa dicotomia é necessária para que avancemos no sentido de conceber a primeira etapa da educação básica para além de um espaço-tempo reduzido a dimensão do cuidar (assistencial) e de fortalecer a participação da EF (não só a de homens professores) nesse contexto que não se organiza no formato disciplinar e que ainda estamos buscando afirmar a nossa presença.

GENDER ISSUES IN PHYSICAL EDUCATION TRAINING AND MALE TEACHING IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

ABSTRACT

Analyze of the gender issues that run through the training of male teachers of Physical Education who work in Early Childhood Education. This is a descriptive-interpretative research, where we dialogued with 11 teachers. The data indicate the need to advance this discussion within the initial and continuing education, as a way to overcome the idea of Early Childhood Education as a space-time of care assistance and to fortify the participation of Physical Education in this stage.



KEYWORDS: gender; physical education; childhood education.

CUESTIONES DE GÉNERO EN LA FORMACIÓN DE LA EDUCACIÓN FÍSICA Y LA ENSEÑANZA MASCULINA EN LA EDUCACIÓN INFANTIL

RESUMEN

Analiza cuestiones de género que impregnan la formación de los profesores de Educación Física varones que trabajan en la Educación Infantil. Se trata de una investigación descriptiva-interpretativa, donde dialogamos con 11 profesores. Los datos indican la necesidad de avanzar en esta discusión dentro de la educación inicial y continua, en una forma de superar la idea de la Educación Infantil como un espacio-tiempo para el cuidado y fortalecer la participación de la Educación Física en esta etapa.

PALABRAS CLAVES: género; educación física; educación infantil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Resolução nº 7, de 31 de março de 2004.** Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física, em nível superior de graduação plena. Brasília: Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Superior, 2004.

DEVIDE, F. P. *et al.* Estudos de gênero na Educação Física Brasileira. **Motriz**, v. 17 n. 1 p. 93-103, jan./mar. 2011.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse estatística da Educação Básica 2017.** Brasília: Inep, 2020. Disponível em: <http://inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>. Acesso em: 14 jun. 2021.

LOURO, G. L. **Magistério de 1º Grau:** um trabalho de mulher. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 31-39, jul./dez. 1989.

MARTINS, R. L. R. **O lugar da Educação Física na Educação Infantil.** 2018. 211 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, 2018.

MARTINS, R. L. R.; MELLO, A. S. Perfil profissional dos professores de educação física que atuam na educação infantil pública das capitais brasileiras. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 15, p. 160-172, out. 2019.

MARTINS, R. L. R.; SOUZA, F. T. O. de.; MELLO, A. S. A presença masculina de professores de educação física na educação infantil: da inserção à gestão escolar. **Zero-a-Seis**, v. 22, n. 42, p. 453-479, jul./dez. 2020.

MONTEIRO, M. K.; ALTMANN, H. Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação. **Cadernos de pesquisa**, v. 44, n. 153, p. 720-741, jul./set. 2014.

SAYÃO, D. T. Educação Física e educação infantil: riscos, conflitos e controvérsias. **Motrivivência**, v. 11, n. 13, p. 221-238, nov. 1999.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.